



ESPELHO TRINCADO: uma reflexão acerca de *Água Viva*, de Clarice Lispector, no contexto da pós-modernidade

Victor da Penha Miranda
(Licenciado em Letras- IFFluminense)

Resumo: O presente trabalho pretende conceder uma reflexão acerca da condição identitária do sujeito da pós-modernidade, apresentando na obra *Água viva*, de Clarice Lispector, publicada originalmente em 1973, a possibilidade de questionamentos comuns entre a narradora e o homem da modernidade tardia, dialogando, assim, com aspectos da subjetividade humana frente às condições líquidas contemporâneas, movidas pela urgência dos efeitos da globalização que afeta todo o mundo.

Palavras-chave: *Água viva*, Clarice Lispector, Pós-modernidade

1. Introdução

O presente trabalho deseja chamar a atenção, no contexto de uma era caracterizada pela posse e pela produção cultural capitalista, herdados da *era industrial*, dos elementos que definem o homem de maneira abstrata, pautados não em representações dos objetos inerentes da realidade concreta exterior, mas da caracterização, seja por meio da palavra ou da pintura, do homem pós-moderno.

Proposta, esta, apresentada por Clarice ao dar vida à pintora de *Água viva* que representa seus instantes de vida e criação artístico-poética pelo registro do não mimético, do não figurativo e, por isso, livre de qualquer rotulação possível. Apesar de certa liberdade de expressão, sua literatura não se limita a seu plano subjetivo, escorre até os leitores, alunos.

2. Identidade(s)

De acordo com os autores dedicados aos estudos sociais, em destaque Zygmunt Bauman e Stuart Hall, tudo no tempo presente denominado *pós-modernidade* é efêmero, sofre constantes mutações, visto que, em ritmo acelerado, é fruto do homem e está a serviço dele.

O mesmo homem que, conforme Bauman (2005), possui identidades diversificadas que lhe são exigidas nos diversos espaços sociais e que podem confrontar-se umas com as outras: nas relações familiares, na igreja, nos momentos de lazer, no trabalho, nas relações afetivas.

É de importante destaque a escolha dos autores que atuam no campo das ciências sociais para dialogarem com este trabalho por se tratar de pesquisadores da evolução dos atos históricos do homem enquanto indivíduos sociais. Em especial, no que diz respeito ao objeto



de análise do presente texto, Bauman (2005) e Hall (2015), visto que são cientistas sociais que analisam em seus estudos a sociedade e o sujeito da *pós-modernidade*¹.

Conforme Hall (2015) há três concepções históricas e, de toda forma culturais, em relação à identidade do homem, que se diferem no decorrer da evolução humana: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito *pós-moderno*.

A primeira, a do sujeito do Iluminismo, caracterizada por sua centralização, única, livre de interferências de outros sujeitos, fixa desde o nascimento do indivíduo até o término de sua vida. A razão, de maneira uniforme, e o individualismo nas relações sociais prevaleciam.

O sujeito sociológico, por sua vez, teve relações com outros sujeitos que, de certa forma, possuíam um grau de importância para ele, visto que “mediavam para o sujeito os valores, os sentidos e os símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava.” (HALL, 2015, p. 11)

O sujeito da *pós-modernidade*, por fim, não possui uma identidade fixa, estável, mas sim, possui em seu interior e, conseqüentemente, na sua identidade, um misto de relações históricas e não mais biológicas. Uma identidade móvel.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda histórica sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do ‘eu’” (HALL, 2015, p. 12).

As constantes mudanças em relação à identidade do homem *pós-moderno* se dão devido aos avanços da humanidade, em especial, pelo processo da *globalização* e, conseqüentemente, o choque dela na identidade cultural do homem no espaço que Hall (2015) denomina de *modernidade tardia*, sendo esse um tempo social de “mudança constante, rápida e permanente”. (p. 12)

Devido tais efeitos, a identidade cultural do homem que já foi centralizada se ramifica, torna-se ela reflexo que pode ser identificado perante diferentes *espelhos* sociais, fato que leva o homem *pós-moderno* a

estar total ou parcialmente “deslocado” em toda parte, não estar totalmente em algum lugar (ou seja, sem restrições e embargos, sem que alguns aspectos da pessoa “se sobressaiam” e sejam vistos por outras como estranhos), pode ser uma experiência desconfortável, por vezes perturbadora. Sempre há alguma coisa a explicar, desculpar, esconder ou, pelo contrário, corajosamente ostentar, negociar, oferecer e barganhar. Há diferenças a serem atenuadas ou desculpadas ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras. (BAUMAN, 2005, p. 19)

¹Pós-modernidade, Modernidade tardia e modernidade líquida são expressões sinônimas que refletem sobre a condição do homem atuante na sociedade contemporânea.



O homem mudou e muda constantemente, movido pelas inquietações do espaço histórico no qual ele está inserido. É importante destacar que a escola, espaço social do homem, também precisa mudar para acompanhar os passos velozes da sociedade e, de fato, compreender que as questões pré-estabelecidas socialmente fugiram dos padrões do “retrato” formal.

3. Espelho trincado: modos de ver a si mesmo

No romance estudado percebe-se que a narradora dialoga com as variadas identidades que inquietam o seu *eu* abordando temas como o seu próprio fazer poético, Deus, o “instante-já”, a pintura, a palavra, a existência, a natureza representada pelas flores e pelos animais.

Tudo no decorrer do romance é transitório, assim como o homem da *modernidade líquida* de acordo com termo cunhado por Bauman (2005) para representar o homem da contemporaneidade, porque são representações dos instantes que se fragmentam para darem espaço a outros regados de suas respectivas significações (dúvidas, segredos, mistérios, epifania): “Mas o instante-já é um pirilampo que acende e apaga, acende e apaga.” (LISPECTOR, 1998, p. 16)

Duas questões em relação à obra analisada neste texto reforçam a força das identidades *diversificadas* como proposto por Hall (2015): a primeira, pode-se considerar a questão que envolve o próprio gênero discursivo do romance que, na verdade, é uma espécie de monólogo registrado em forma de diário; e a segunda argumentação, o tempo que a própria escritora levou para escrever a obra que foram três anos de acordo com a própria autora em entrevista à revista *Textura* já citada anteriormente no capítulo *Nascente de representação introspectiva*, tempo em que várias sensações interferiram e inspiraram diretamente no processo da escrita literária da artista.

Em comunhão com a definição de diário como registro do dia a dia, descreve Figueiredo:

O diário supõe sinceridade, o que acarreta, para Blanchot, a superficialidade que o caracteriza, sua insignificância; escrever diário seria o mesmo que querer fugir do silêncio. Sua crítica visa à banalidade do que é registrado, como se os pequenos fatos da vida cotidiana tivessem alguma importância. Em outras palavras, o diário seria uma armadilha, já que o diarista acredita que a escrita pode salvá-lo da esterilidade de sua vida. (FIGUEIREDO, 2013, p. 30)

De fato, “fugir da esterilidade de sua vida” foi a proposta que emergia os textos da Clarice Lispector. A autora chegou a afirmar em entrevista ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura no ano de 1977 que quando ela não escrevia ela estava morta; desta forma, além de representar, a literatura possuía um papel ainda mais marcante na vida da escritora: o de dar sentido à sua própria vida, apesar de ser o texto clariceano uma ferramenta ficcional.

Uma definição ainda mais forte em relação às identidades do sujeito *pós-moderno* presente em *Água viva* é representada no seguinte fragmento do texto: “O mundo: um emaranhado de fios telegráficos em eriçamento. E a luminosidade no entanto obscura: esta sou eu diante do mundo.” (LISPECTOR, 1998, p. 24)



O fragmento do romance dialoga diretamente com aquilo que Hall (2015) definiu ser, de acordo com a concepção de identidade do sujeito *pós-moderno*, uma “celebração móvel”, pautada na essência de não ser um sujeito de identidade fixa, mas de ser capaz de assumir diferentes identidades em diferentes momentos, fora dos padrões unificados de um “eu” coerente.

Uma expressão que, na obra, ganha destaque e reflete sobre a concepção de um *eu* não coerente é o “it”. A expressão de origem inglesa (pronomes utilizados para designar coisas ou animais, seres irracionais) representa, no romance, o impessoal que há no interior da própria narradora que descreve:

Mas há também o mistério do impessoal que é o “it”: eu tenho o impessoal dentro de mim e não é corrupto e apodrecível pelo pessoal que às vezes me encharca: mas seca-me ao sol e sou um impessoal de caroço seco e germinativo. Meu pessoal é húmus na terra e vive de apodrecimento. Meu “it” é duro como uma pedra-seixo. (LISPECTOR, 1998, p. 30)

O “it”, desta forma, é configurado como o não-humano, o elemento que há interior do indivíduo, mas que não possui definição (entre o hibridismo da coisa ou do animal, sem descrição final), mas de importante necessidade para a existência. A narradora, assim, utiliza no decorrer da obra a expressão para definir as sensações que não são definidas pela consciência humana ao decorrer da narrativa: “O it vivo é o Deus.” (p. 30), “Mas sei de coisas it sobre amamentar criança.” (p. 31), “O Deus não é automático: para Ele cada instante é. Ele é it.” (p. 32).

O “it” representa o sagrado, mistura do ato bondoso do sentimento humano como descrito, entre outros casos, pelo ato de amamentar, pautado no contato da comunhão da mãe e do filho (ou filhote), mas também representa a crença em Deus, a manifestação da fé, o “instante-já” e as surpresas de cada momento:

Eu sou puro it que pulsava ritmadamente. Mas sinto que em breve estarei pronta para falar em ele ou ela. História não te prometo aqui. Mas tem it. Quem suporta? It é mole e é ostra e é placenta. Não estou brincando pois não sou um sinônimo – sou o próprio nome. Há uma linha de aço atravessando isto tudo que te escrevo. Há o futuro. Que é hoje mesmo. (LISPECTOR, 1998, p. 38)

Comparando a um quebra-cabeça, Bauman (2005) descreve a identidade do sujeito pós-moderno como uma experiência contínua de encaixes, descobertas, desafios. Entretanto, o sociólogo diferencia a identidade dos demais quebra-cabeças que podem ser encontrados em lojas convencionais e que são vendidos com a imagem final (objetivo) impressa na caixa.

A identidade do sujeito *pós-moderno* é construída com o que se tem à mão como a urgência da narradora de *Água viva* em saborear os instantes da vida, ao passo que, como scriptor de seu próprio texto (expressão cunhada por Barthes), nasce e constrói sua identidade de acordo com o que tem para servir e ser servida (Deus, o “it”, a natureza, o silêncio, a pintura, a fotografia, a música, a escrita).

Bauman (2005) afirma que o homem contemporâneo não deseja ser dono de uma identidade formada: “Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha.” (BAUMAN, 2005, p. 60)



A oportunidade de ter experiências novas, de poder ser dono de suas próprias escolhas são elementos considerados pelo crítico da *pós-modernidade* indispensáveis para a existência contemporânea. Não há possibilidades no plano social de saber ou estabelecer o destino de um homem desde o seu nascimento.

A identidade da narradora é estabelecida de forma experimental, em ritmo constante diante do espelho textual. A cada dia, ao levantar-se, novas experiências são vividas pela pintora que registra:

Levantei-me. O tiro de misericórdia. Porque estou cansada de me defender. Sou inocente. Até ingênua porque me entrego sem garantias. Nasci por Ordem. Estou inteiramente tranquila. Respiro por Ordem. Não tem estilo de vida: atingi o impessoal, o que é tão difícil. Daqui a pouco a Ordem vai me mandar ultrapassar o máximo. Ultrapassar a Ordem vai me mandar ultrapassar o máximo. Ultrapassar o máximo é viver o elemento puro. Tem pessoas que não aguentam: vomitam. Mas eu estou habituada ao sangue. (LISPECTOR, 1998, p. 46-47)

O *instante-já* marca a necessidade momentânea da personagem/narradora. O que é preciso para sobrevivência é o tempo presente, mais precisamente, o instante; o amanhã ou até mesmo o ontem (tempo passado) não interessa mais, não tem sentido.

A escrita de *Água viva* representa, por meio da arte da palavra, como a pintura e as demais expressões artísticas, o ato de compreender a si mesma. No romance há um registro que pode ser analisado pela ótica de um quase segredo autobiográfico: “Escrevo-te porque não me entendo.” (LISPECTOR, 1998, p. 28)

O ato de compreender-se e, de mais além, identificar a própria identidade em cada instante da vida (*instante-já*) em caráter de urgência é o alimento que dá vida à fome da obra. Alimentos que são temperados pelo sabor da arte de uma pintora que pinta com palavras.

4. Considerações finais

Água viva, pelo prisma desta pesquisa, pôde ser compreendida, portanto, como uma produção literária na qual o narrador (representado pela voz feminina que dá vida à obra), inserido no universo ficcional criado pela autora, regado pelas angústias, questionamentos, fuga dos padrões miméticos e a constante desconstrução identitária, reflete, como posto frente a um espelho social, a condição cultural do sujeito *pós-moderno*.

A complexidade da obra de Clarice transcende e, diretamente, dialoga com a realidade do homem contemporâneo, afetado pela velocidade dos processos da *globalização*, por permitir acesso livre a questionamentos que motivam o pensamento humano sobre o próprio espaço no mundo e sentido da existência que, entre tais temas geradores estão Deus, o *instante-já* (fragilidade do tempo), o *it* (definição do indecifrável) e o *eu*, no trabalho contínuo de demolição daquilo que se é para reinventar o que se deve ser (e que, com toda certeza, não será definitivo).

O contato com a literatura subjetiva de Clarice, fortalecida pela proposta de adubação das raízes dos sentimentos humanos, é um ato multissensorial que, por meio da multiplicidade



de sentidos dos signos e estruturas linguísticas, entram em contato direto com o leitor, permitindo que o próprio texto amplie as possibilidades de enxergar o mundo.

Clarice, escritora, dilata as pupilas de quem a lê para enxergar o próprio *eu*, apesar de ser um ato de reconhecimento esfumado, não mimético, como uma tela criada por um artista abstrato. Afinal, há um cruzamento na concepção da identidade dos sujeitos da modernidade tardia.

Referências

BAUMAN, Z. *Identidade: entrevista a Benedito Vecchi*. Tradução, Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

FIGUEIREDO, E. *Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12ª edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

LISPECTOR, C. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.